

## **Processos paralexigráficos em obras portuguesas do século XVI**

*Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara (SP) - Brasil

A lexicografia forma com a Lexicologia e a Terminologia as chamadas “ciências do léxico”. Definida por Dubois (1973) como a técnica de confecção de dicionários e a análise dessa técnica, tem ela, na lingüística contemporânea, um papel fundamental, pois fornece aos lexicógrafos os procedimentos teórico – metodológicos para a redação de dicionários.

Apesar de ter sido considerada muitas vezes como apenas técnica, a Lexicografia tem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos próprios e, portanto, é hoje, também, uma ciência, voltada não só para a elaboração de dicionários, mas também para o estudo da descrição da língua neles registrada.

Enquanto técnica de elaboração de dicionários é uma atividade muito antiga e os seus primeiros testemunhos são glossários, nomenclaturas e listas de palavras que auxiliavam na leitura e entendimento de textos da antigüidade clássica.

Dentre as várias tarefas estabelecidas pela Lexicografia moderna é a definição da palavra-entrada uma das mais árduas e complexas para o lexicógrafo, juntamente com o estabelecimento da nomenclatura do dicionário. Chamada por Imbs (1960, 2:9) “a arte suprema em lexicografia”, a definição tem por objetivo estabelecer os limites de compreensão de uma palavra, pela qual se resume o seu conteúdo. Ela é, assim, um componente semântico, uma análise do conteúdo da palavra-entrada.

Para Rey-Debove (1967, 5: 142) em trabalho onde trata das bases de uma tipologia formal para a definição lexicográfica

o trabalho definicional não é, portanto, nem fantasista, nem somente utilitário. O lexicógrafo busca realmente uma análise semântica; e quando os resultados são decepcionantes, é preciso ser severo com o lexicógrafo e não com a lexicografia.

Com relação à natureza da definição afirma a lingüista francesa que a definição é da língua e da metalíngua. Enquanto definição da língua, ela se constitui num enunciado que

está submetido às regras gramaticais da língua que é, em princípio, substituível ao definido numa frase, onde está empregado. Enquanto definição da metalíngua, ela é um estudo da língua por meio da língua, e neste caso, há que se determinar a natureza particular desta metalíngua, ligada ao fato de que a definição se assemelha a uma perífrase, ou seja, transmite a mesma significação externa que a palavra da língua.

Seguindo esta mesma linha de pensamento Dapena (2002: 269) estabelece que na tipologia da definição, a definição descritiva, objeto de nossa atenção neste trabalho, refere-se mais à realidade que propriamente às palavras que representa. Para o autor:

toda definição deve estar constituída por dois elementos entre os quais se estabelece uma equivalência: o *definido* ou *definiendum*, representado pela entrada do artigo lexicográfico e o *definidor* ou *definiens* que é a expressão explicativa e que na linguagem corrente chama-se especificamente também definição.

Tem-se, assim, de um lado o *definiens* que está sempre constituído por uma palavra ou conjunto de palavras que, sujeita a certas restrições sintáticas, deve seguir a mesma natureza gramatical da palavra definida. E, do outro lado, a expressão que constitui o *definiens* deve pertencer à mesma língua que o *definiendum*, o que equivale a dizer que está representada por um texto metalingüístico.

Após essas breves considerações teóricas sobre a definição lexicográfica, passamos, agora, ao objetivo deste trabalho que é mostrar que não somente dicionários de língua registram definições; também o fazem obras de natureza diversa, escritas em língua portuguesa no século XVI e que registram definições. Este tipo de obra é muito propriamente chamada por Verdelho (1995: 293) de paralexiconográfica, termo que adotaremos daqui por diante.

Em pesquisa que estamos realizando com o objetivo de organizar o repertório lexical da obra *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India*, escrita por Garcia d'Orta e publicada em 1563, em Goa, observamos que o renomado médico e botânico português, quando trata das plantas medicinais e de suas virtudes curativas, adota um procedimento definicional que nos permitiu, dos 25 primeiros colóquios analisados, organizar uma tipologia da definição por ele adotada. Para a nossa pesquisa, consultamos as duas edições dos *Coloquios*: a 1ª edição, em um volume, publicada em 1563, em fac-símile pela Academia das Ciências de Lisboa, e a última, de 1891, em dois volumes, organizada pelo Conde de Ficalho e acrescida de notas explicativas pelo organizador; esta edição foi publicada em Lisboa pela Imprensa Nacional.

Orta, ao definir as plantas procura descrevê-las, ou seja, classifica-as, primeiramente, numa classe maior: árvore, erva, raiz ou cana, frutice ou mata, folha, fruto, fruta, flor, semente, goma, grão, pomo e depois enumera alguns traços específicos que determinam a diferença entre uma planta e outra. Assim, o *costo* he arvore, o *aloe* huma herva, o *calamo* aromatico he raiz ou cana, a *galanga* he huma frutice ou mata, o *bangue* he folha, o *anacardo* he fruto, o *ambares* he fruta, o *cravo* he frol, o *bangue* a semente parece, o *benjuy* he goma, as *curcas* são grãos, os *doriões*... he hum pomo. Este tipo de definição, que se

assemelha a definição da Lógica, determina um hiperônimo, o gênero próximo, e estabelece, em seguida, os traços semânticos que marcam a diferença, ou seja, a diferença específica. Entretanto, Orta, no que diz respeito aos traços específicos, apresenta um procedimento linguístico bastante peculiar: os especificadores são dados por comparação com outras plantas já conhecidas que estão ao seu redor ou que são conhecidas dos nativos de Goa e dos portugueses. É nesta 2ª parte da definição que reside a particularidade da definição de Orta.

Do levantamento feito, organizamos a seguinte tipologia:

- (1) feito a feiçam de.../de feiçam de.../da feiçam de...<sup>1</sup>
  - canfora= e a folha dele era branca e de feiçam de folha de salgueiro (p.155)
  - cravo= por que he feito a feiçam de prego (p. 364)
  - datura= he huma erva alta, e as folhas da feiçam de branca ursina (p. 297)
- (2) parece.../parece com o que.../ não parece.../ parecer se.../
  - carandas= ... mas que fruta he esta azeda que parece maçanzinhas pequenas verdes? (p.185)
  - anil= He herva que se semea e parece com a que nós chamamos mangiriquam (p.86)
  - calamo aromatico= as folhas nam parecem gladiolos (p. 145)
  - folio indo ou folha da india= pareçeme folhas de lorangeira (p.344)
- (3) he semelhante a....
  - anacardo= he fruto semelhante aos caroços do tamarinho (p.66)
  - areca= he este fruto semelhante a noz moscada (p.327)
- (4) he como...
  - ber= e a folha he tambem como a da maceira (p.188)
  - canela= mayor que mutinhos, porque sera como avelâas (p.212)
- (5) do tamanho de...
  - carandas= são arvores do tamanho de medronheiro (p.185)
  - arvore triste= pois vejo ser do tamanho de huma oliveira (p.71)
- (6) a modo de ...
  - datura= e as folhas nam sam tam grandes, e sam agudas no cabo fazendo ponta a modo de lança (p.297)
- (7) cheira a .../ cheira como
  - carandas= e a frol he muita e cheira a madresilvas (p.185)
  - cassiafistola= cheira propriamente como cravos verdes ( 194)

<sup>1</sup> Os exemplos de Orta foram extraídos da edição de 1891.

- (8) mayor/ menos  
 canela= e o fruto preto redondo, mayor que murtinhos (p.212)  
 ber= a folha he tambem redonda como a da maceira, e alguma coisa menos redonda  
 (p.118)
- (9) não tanto.../ algum tanto...  
 cardamomo= tem um sabor agudo, nam tanto como a pimenta ou cravo. (p.175)  
 cassiafistola= as folhas são como pexigueiro, algum tanto mais estreitas (p. 194)

Organizada a tipologia encontrada em Orta, pareceu-nos, num primeiro momento, que o expediente lingüístico empregado pelo autor para elaborar a 2ª parte da definição poderia ser exclusivamente seu. Entretanto, analisando outra obra do mesmo período, 2ª metade do século XVI, encontramos o mesmo procedimento. É a obra de Fernão Cardim, padre que esteve no Brasil em missão jesuítica, acompanhando o visitador Cristovão de Gouveia. A obra de Fenão Cardim que serviu de objeto para o nosso estudo é *Tratados da terra e gente do Brasil*, na parte intitulada *Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se achão assi na terra como no mar*, onde Cardim descreve as plantas brasileiras.

A obra cardiniana, constituída de 3 partes, 1) *Do clima e da terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se achão assi na terra como no mar*, 2) *Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimonias*, e 3) *Informação da missão do P. Christovão de Gouvêa a's partes do Brasil, anno de 83 ou Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica* teve várias edições, sendo a primeira de 1925 organizada por Capistrano de Abreu, Baptista Caetano e Rodolpho Garcia, que deram ao conjunto o título de *Tratados da terra e gente do Brasil*.

Para o nosso estudo, baseamo-nos na edição de 1925, acompanhada do manuscrito pertencente à Biblioteca Municipal da cidade de Évora, Portugal, códice CXVI/ 1-33, fls.13-34.

Cardim, na descrição das plantas, usa os hiperônimos: árvore, fruto, fructa, raiz, erva, figueira e cardo. Assim o acaju é árvore, mangaba é fruto, macuoé é fruta, mandioca é raiz, nana (ou ananás) é erva, pacoba é figueira e caraguatá é género de cardo. Com a 2ª parte da definição, onde reside a comparação, Cardim emprega expedientes lingüísticos muito semelhantes aos de Orta:

- (1) como  
 ombu= he arvore grande, não muito alta...; dá certa fructa como ameixas alvares.  
 (p. 59 )<sup>2</sup>  
 acaju= ...e a flor se dá em cachos que fazem humas pontas como dedos (p. 57)
- (2) parecer-se com .../ se parecer com...  
 macuoé= esta fructa... parece-se com peras do mato de Portugal (p.58 )  
 mangaba= na feição se parece com macieira de anafega...(p.58)

<sup>2</sup> O exemplos de Cardim foram extraídos da edição de 1925.

- (3) da feição de  
 araticu= ...he arvore fresca, e graciosa, dá uma fructa da feição e tamanho de pinhas  
 (p.60 )  
 igbacamuci= ...dão humas fructas como bons marmellos da feição de uma panelia ou  
 pote... (p.63)
- (4) do tamanho de  
 jabuticaba=...fructa do tamanho de um limão de seitel (p.60 )  
 pequeá= ...dá huma fructa do tamanho de huma bôa laranja (p.68)
- (5) cheira a  
 cayapiá= esta erva he...; cheira esta erva á folha de figueira de Espanha (p. 74)
- (6) tirar a=  
 tareroquig= esta erva he... ; as flores são vermelhas e tiram algum tanto a roxo  
 (p. 74)

Os procedimentos definicionais adotados por Orta e Cardim nos descrevem a realidade extralingüística do período de seiscentos em espaços geográficos bastante distantes; as descrições, nos dois casos, são o resultado da observação direta do real. O tratado de Orta, em forma de colóquios, apresenta a realidade botânica na cidade de Goa, nos seus arredores, e em outras regiões do Oriente, com o objetivo de mostrar as plantas medicinais e suas propriedades curativas. Já a obra de Cardim tem por objetivo descrever as plantas que ao longo de sua viagem vai encontrando em terras brasileiras. De algumas delas também Cardim descreve suas propriedades curativas. Seu trabalho é um relato de viagem.

Vistos os procedimentos seguidos pelos dois autores do seiscentismo português, pasamos, agora, a mostrar que os mesmos procedimentos para a definição estão documentados no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau (1712/1728), obra lexicográfica publicada um século mais tarde.

Também Bluteau, em se tratando de plantas, usa do procedimento lingüístico da hiperonímia e da comparação. Vejamos, a seguir, as definições de algumas plantas no *Vocabulario* de Bluteau :

- (1) COSTO - he o nome de huma raiz, & de huma erva...; costo Syriaco, que he o pesado, & tira a cor do buxo.
- (2) CRAVO DA INDIA - ... as folhas tirão às de loureyro...
- (3) CARDO SANTO - Planta, que da um talo grosso. sementes compridas, pardas ou tirantes a amarello...
- (4) CONTRA HERVA - ... he uma raiz quase do tamanho de huma fava...
- (5) BERINGELA - o fruto he do tamanho de maçãs, redondo...

- (6) CARAMBOLA - ...nace este fruto de huma planta semelhante à que dá o algodão...
- (7) ANACARDO – Planta. Arvore grande que tem as folhas, como as de Pereira, & da fruta que na forma se parece com ovo de ganço...
- (8) ERVA CIDREIRA – Erva. Tem semelhança com o mentrasto, & cheira como cidra...
- (9) ANANAS – Fruto do Brasil. He da feição de huma pinha de Portugal...
- (10) ESCAMONEA – Erva , que produz de huma rayz comprida & grossa muitas asteas compridas...Dá humas folhas largas, triangulares, & da feição da Era.
- (11) CALAMITA - ...he huma planta... Sahem flores a modo de ramalhetes...
- (12) CALAMO AROMATICO - ...he cana... substancia he porosa, & algum tanto amarella.
- (13) DURIAM – Celebre fruto de huma arvore... a carne do Durião he amarella, algum tanto viscosa, & muito semelhante a outro fruto da India, a que chamão *Jaca*...
- (14) ANIL – He o nome de hua maça, que vem da India, & que se faz de huma herva, que todos os annos se semea, depois das chuvas, & que se parece muito com linho canhemmo. A flor he semelhante à do cardo, a raiz da gieste, & a folha à do feno. O talo he da altura de huma vara, & da grossura do dedo polegar.

Da análise comparativa que fizemos, podemos chegar a algumas conclusões:

- 1) o modelo de definição descritivo era procedimento usual àquela época. Não havendo ainda uma classificação botânica como a de Linneu no século XVIII, o processo de comparação entre uma planta menos conhecida e outra mais conhecida era o mais adequado e baseava-se na observação direta do real;
- 2) esta observação direta do real aparece muito clara em ambos os autores, pois eles se utilizam da dêixis para indicar a proximidade da planta descrita em relação à 1ª pessoa do discurso, como comprovam alguns exemplos: esta planta, esta erva, este fructo, etc.;
- 3) alguns dos procedimentos adotados por Orta, Cardim e Bluteau só ocorrem em certas comparações; é o caso de *tirar a* que acontece com cores e *algum tanto* quando se qualifica alguma propriedade da planta, como comprovam os exemplos acima;
- 4) o hiperônimo *erva* que aparece classificando o *ananás* em Cardim como *ervas que dão fructo e se comem*, juntamente com a mandioca, pacoba e murucujá, em sua obra, deve ser entendido como “nome genérico de todas as plantas, cujo talo perece cada anno depois de ter dado a sua semente” (Morais Silva, 1789);

- 5) as obras de Orta e Cardim, classificadas como paralexicográficas, forneceram definições e modelos de definições importantes para dicionários de língua, como o *Vocabulário* do Pe. Raphael Bluteau, escrito na 1ª metade do século XVIII, onde as definições são minuciosamente elaboradas, descrevendo a realidade extralingüística com detalhes e dando à obra, monumento lexicográfico daquele século, uma feição de dicionário enciclopédico.

### Referências

- Bluteau, Raphael (1712/1728) *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Cardim, Fernão (1925) *Tratados da terra e gente do Brasil*. Capistrano de Abreu et al. (org.) Rio de Janeiro: Editores J. Leite e Cia.
- Dapena, José-Álvaro Porto (2002) *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros S.L.
- Dubois, Jean et al. (1973) *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse.
- Imbs, Paul (1960) Au seuil de la lexicographie. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 2, pp. 3-17.
- Morais Silva, António de (1789) *Diccionario da Lingua Portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Murakawa, Clotilde de A. Azevedo (1984) *O Primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de António de Moraes Silva- Estudo Crítico da Edição de 1813*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara.
- Orta, Garcia d' (1891) *Coloquios dos simples e drogas mediçinais da India*. Conde de Ficalho (org.) Lisboa: Imprensa Nacional.
- Rey-Debove, Josette (1967) La définition lexicographique: bases d'une typologie formelle. *Travaux de Litterature*, Paris, v. 5, pp. 141-149.
- Verdelho, Telmo (1995) *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica.